

SIMPÓSIO AT145

PROFESSOR, VAMOS RESENHAR? PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA

ROSAS DE ARAÚJO, Patrícia Silva
Universidade Federal de Campina Grande
letrasrosas@hotmail.com

Resumo:

Ninguém nasce leitor ou escritor. Essas habilidades são adquiridas ao longo de nossas experiências de letramento. Assim, quanto mais imersos estivermos nas diversas práticas de letramento (social, escolar, religiosa, trabalho etc.), mais desenvolveremos a competência para agir socialmente por meio da língua/agem. Sabemos das dificuldades dos alunos em produzir gêneros. Dentre as muitas dificuldades, apontamos a falta de uma atividade sistemática, com materiais pedagógicos adequados. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é apresentar uma experiência de leitura e escrita com o gênero resenha numa escola pública, situada no interior da Paraíba. Nosso apoio teórico fundamenta-se na ADD (Análise Dialógica do Discurso). Os resultados mostram que a biblioteca escolar é de suma importância para estimular a leitura na escola. É preciso conhecer, valorizar e estimular atividades de leitura nesse espaço para que os alunos conheçam o acervo escolar. Só o conhecimento da obra tornará possível a produção de resenhas.

Palavras-chave: Leitura; Escrita; Resenha; Biblioteca

Abstract:

No one born reader or writer. These skills are acquired throughout our literacy experiences. Thus, the more immersed we are in the several literacy practices (social, school, religious, work, etc.),the more we will develop the competence to act socially through language. We know of the difficulties of students in producing genres. Among the many difficulties, we point out the lack of a systematic activity, with adequate pedagogical materials. In this context, the objective of this article is to present an experience of reading and writing with the genre review in a public school, located in the interior of Paraíba. Our theoretical support is based on the ADD (Dialogical Analysis of Discourse). The results show that the school library is of paramount importance for stimulating the reading in the school . It is necessary to know, value and stimulate reading activities in this space so that the students know the school collection. Only the knowledge of the work will make it possible to produce reviews.

Keyword: reading; writing; review- library

1. Discussão inicial

A ideia de trabalhar com o gênero resenha surge da nossa experiência como professora de língua portuguesa. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é apresentar uma experiência com o gênero resenha numa escola pública onde atuamos nos anos de 2017 e 2018.

Segundo Machado; Lousada e Abreu-Tardeli (2004, p. 13), “Frequentemente, os alunos são cobrados por aquilo que nunca lhes é ensinado, tendo de aprender por conta própria, intuitivamente, com muito esforço”. Enquanto professora, essa situação de aprendizagem nos inquieta, por isso buscamos alternativas para despertar o interesse da leitura na escola.

2. A escrita numa perspectiva dialógico-discursiva

A consideração da escrita numa perspectiva dialógico-discursiva advém das contribuições de Bakhtin e o Círculo sobre sua concepção de língua/linguagem. Nessa perspectiva, língua é uma atividade essencialmente social, pois o interlocutor e os sentidos constroem-se discursivamente nas relações verbais com o outro. Assim, é impensável um ensino de escrita monológico, em que o aluno escreve no vazio, para um destinatário imaginário, sem propósitos comunicativos reais, ou seja, escreve apenas para cumprir uma tarefa escolar.

A noção de língua postulada pelos estudos bakhtinianos influencia diretamente a perspectiva de escrita que queremos abordar. Uma escrita contextualizada, envolvendo sujeitos reais, situados sócio-historicamente, com propósitos bem definidos, que atuam e agem sobre o outro por meio da linguagem verbal. Assim, entendemos a língua como uma atividade essencialmente social e só existe em função do uso que os interlocutores fazem dela em situações de comunicação discursiva concretas a partir das esferas (comunidade) que ocupam.

É por essa razão que Bakhtin (2011, p. 285) diz que as pessoas podem dominar magnificamente a língua numa dada esfera de comunicação, mas podem sentir-se totalmente impotentes em outras esferas, por não dominar na prática as formas de gênero de dadas esferas.

Quanto mais dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos nele a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso projeto de discurso.

Nesse contexto, é preciso dominar bem os gêneros para empregá-los nas diversas situações de uso. E isso inclui, segundo Devitt (2004 apud REINALDO, MARCUSCHI, DIONISIO, 2012), uma consciência crítica sobre o gênero, ou seja, é necessário que o usuário esteja imerso nos ambientes sociais/esferas onde os gêneros circulam. Nesse sentido, ao observar como os gêneros funcionam em seus contextos originais, o usuário os aprenderia de forma explícita, sem simulação.

Nessa perspectiva, o gênero serve de chave para entendermos como participar das ações de uma determinada comunidade. Como bem enfatiza Volochinov (1926 [1976], p. 6), cada enunciado “é como uma senha conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo campo social”. Desse modo, não se pode separar o enunciado do seu contexto de uso nem da sua esfera de circulação, pois se assim for, perderá toda a sua significação.

Concordamos com Geraldi (2015) quando diz que ninguém pode escrever pelo outro. Escrever é um gesto próprio, que implica necessariamente os sujeitos do discurso. Nesse sentido, não adianta, por exemplo, o professor dizer que está trabalhando com produção textual ou gênero do discurso se o aluno continua escrevendo apenas para o destinatário de sempre (professor) e com o objetivo de sempre (obter uma nota). Não basta a boa intenção em aderir à nova perspectiva, é preciso, sobretudo, dominar os procedimentos metodológicos que conduzirão à prática da escrita de maneira eficiente e produtiva.

2.2O gênero resenha

O gênero resenha, em condições de produção discursiva real, é escrito por especialistas das várias áreas do conhecimento e geralmente publicada em revistas, jornais, blog. Ela surge a partir da necessidade de apresentar um produto à sociedade, seja na área da literatura, da música, da arte, da cultura etc. Assim, a princípio, levar a resenha para sala de aula pode parecer uma atividade artificial. No entanto, o aluno não circula apenas no ambiente escolar-acadêmico, mas em diversos outros ambientes da vida pública e privada. Logo, conhecer esse gênero é uma possibilidade de interação social. E ainda, sistematiza a leitura e desenvolve competências discursivas no tocante à escrita. “A resenha tem papel crucial na legitimação da produção intelectual acadêmica, constituindo-se como parte das demandas desse ambiente [...]” (FERREIRA; MENESES, 2012, p. 68).

Segundo Motta-Roth e Hendges (2010), a resenha tem o propósito de avaliar criticamente um produto, de uma determinada área, cabendo ao resenhista tecer uma apreciação sobre esse produto, de modo a influenciar o leitor da resenha quanto à pertinência (ou não) dele para a área de conhecimento. Ainda segundo as autoras, a estrutura de uma resenha de um livro constitui-se de quatro unidades: *apresentação* (Informação sobre a referência bibliográfica, sobre o tema do livro, o público-alvo, as informações básicas sobre o autor); *descrição* (descrição da organização geral do livro); *avaliação* (avaliação e/ou críticas à obra, com exemplificação); *recomendação* (recomendação ou não do livro ou recomendação com restrições). Além destas unidades, temos as marcas linguístico-textual-discursivas próprias desse gênero.

Por fim, lembramos que a resenha nunca pode ser exaustiva. O resenhador deve buscar ser seletivo, filtrando apenas os aspectos pertinentes ao objeto, ou seja, apenas aquilo que é funcional em vista de uma intenção

previamente definida. Sempre levando em conta o seu público-alvo. Assim, podemos ter várias resenhas sobre o mesmo objeto. Mas com focos discursivos diferentes, dependendo dos objetivos a serem alcançados.

Além disso, não podemos nos esquecer que “a voz do resenhador é inerentemente influenciadora, já que se espera dele uma apreciação pertinente do objeto, colocando-se no papel do especialista” (FERREIRA, MENESSES, 2012, p. 91). Daí a importância de o resenhador ser um conhecedor profundo do objeto resenhado. Isso leva tempo e não pode ser feito de modo apressado, caindo-se no risco de se fazer uma apreciação baseada em “achismos” e não numa avaliação com argumentos plausíveis.

3. A resenha no Projeto Desengaveta Meu Texto

O Projeto “Desengaveta meu texto” nasceu no início do ano 2017, numa escola pública, zona rural do município de Queimadas-PB, nas turmas dos anos finais do ensino fundamental, sob a minha coordenação. A ideia central deste Projeto é tirar o texto do aluno da “gaveta” (o anonimato da sala de aula) e fazê-lo circular nas mãos de leitores reais, sejam na própria escola, na comunidade ou para além das fronteiras locais e/ou globais. Geralmente, a leitura e escrita da escola são direcionadas para o cumprimento de tarefas com vistas à obtenção de nota no final do bimestre. Portanto, “desengavetar” é um verbo de ação e implica movimento e atitude.

Desse modo, fomos de encontro a prática mecanicista de ensino de leitura e buscamos, dentre outros objetivos, a) incentivar experiências efetivas de leitura, produção e circulação do texto a partir do acervo da biblioteca escolar; b) capacitar o aluno para agir como protagonista em todas as ações do projeto, seja como leitor, autor e/ou interlocutor nos diversos espaços de interação verbal; b) valorizar a biblioteca escolar como espaço espaço de leitura e aprendizagem.

Quando chegamos à escola em 2017, encontramos a biblioteca funcionando num lugar precário. Muitas vezes os alunos ficavam fora da

biblioteca para fazerem a leitura, ou em pé na sala, pois a quantidade de cadeira (seis) era insuficiente para atender a demanda de alunos por sala (35).

Fazia tempo que a biblioteca não recebia livros novos em quantidade significativa. Isso era uma reclamação dos alunos, pois os mesmos se queixam de que os livros da biblioteca eram antigos e desinteressantes.

Antes do Projeto, os livros da biblioteca eram organizados nas prateleiras pelo número da catalogação. Isso era bastante dificultoso, pois os alunos não conseguiam identificar os livros por gênero literário. Mas com a realização do Projeto, conquistamos um espaço maior para funcionamento da biblioteca e organizamos todo o acervo. Também realizamos passeios ao ar livre a fim de proporcionar atividade diferenciada de leitura e conhecimento dos títulos disponíveis na biblioteca escolar:

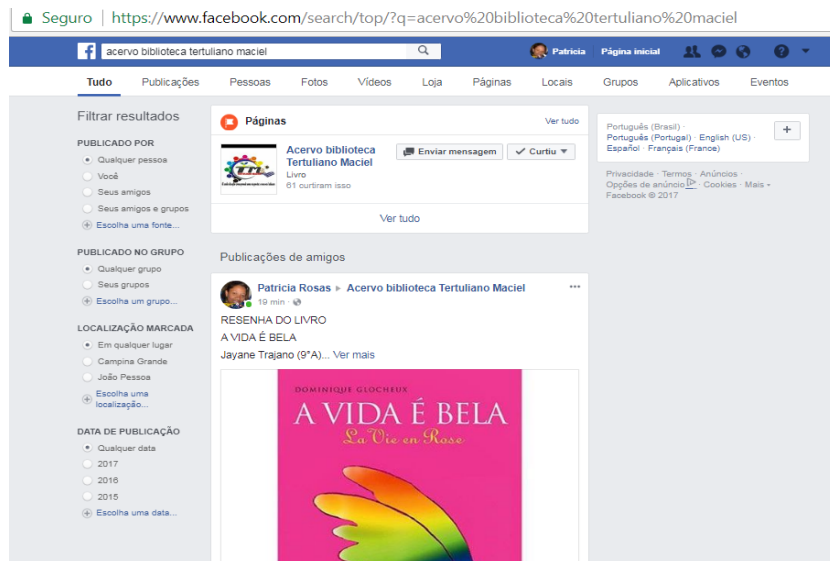
Figura 1- **Atividade de leitura ao ar livre- Parque da Criança, Campina Grande/PB**



Fonte: Própria autora

Depois de vários encontros de leitura na biblioteca, conseguimos catalogar mais de 400 títulos de livros. E para divulgar essas obras, construímos uma página no Facebook, onde pudemos divulgar o acervo escolar e as resenhas produzidas pelos alunos.

Figura 2 – Publicação das resenhas produzidas pelos alunos



Fonte: Própria autora

Após um ano de Projeto, conseguimos estimular a produção de mais de 100 resenhas (escritas e orais) de livros do acervo da biblioteca escolar.

Figura 3 – produção escrita de resenhas



Fonte: Própria autora

Figura 4 – produção oral de resenhas



Fonte: Própria autora

4. Conclusão

Ler e produzir resenha na escola são tarefas que passam inevitavelmente pelo espaço da biblioteca. Se este espaço é estimulante, teremos leitores frequentes e interessados. Assim, continuamos o nosso trabalho para tornar a biblioteca escolar num espaço mais dinâmico, de aprendizagem e indispensável na formação do alunado. Através da biblioteca, o aluno pode aguçar a sua imaginação, a curiosidade e o senso crítico. Válio (1990) define biblioteca escolar como uma instituição que organiza a utilização dos livros, orienta a leitura dos alunos, coopera com a educação e com o desenvolvimento cultural da comunidade escolar e dá suporte ao atendimento do currículo da escola. É assim que entendemos o espaço da biblioteca e nessa direção que vamos continuar orientando nossas práticas de leitura.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FERREIRA, Elisa Cristina Amorim; MENESES, Roberta Andrade. Resenha acadêmica. In: SILVA, Elizabeth Maria da. **Professora, como é que se faz?** (Org.). Campina Grande: Bagagem, 2012, p. 65-94.
- GERALDI, J. W. **Aula como acontecimento**. 2 ed. São Carlos: Pedro & João, 2015.
- MACHADO, A. R.; LOUSADA, E. G.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- REINALDO, Maria Augusta; MARCUSCHI, Beth; DIONÍSIO, Angela. **Gênero textuais: práticas de pesquisa e práticas de ensino**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
- VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 1990.
- VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica. 1976. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição inglesa de TITUNIK, I. R. "Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics". In: VOLOCHINOV, V. N. **Freudism**. New York, Academic Press.